

Apupos e brasilidade: A representação pela imprensa das cerimônias de abertura e encerramento dos Megaeventos Esportivos no Brasil

Francisco Ângelo Brinati

*Doutor em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2015).
Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de São João del-Rei.
E-mail: chicobrinati@ufsj.edu.br.*

Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro

*Doutorando em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
E-mail: filipemostaro@hotmail.com*

A produção simbólica de imaginário por meio dos discursos da imprensa contribui, de alguma forma, na construção de realidade. Ao retratar as cerimônias de abertura e encerramento dos Megaeventos Esportivos no Brasil, o jornal impresso Folha de S. Paulo adotou padrões de narrativa voltados para questões políticas que envolviam críticas aos presidentes, as manifestações contrárias à realização dos torneios e a representação de traços característicos atribuídos historicamente ao país.

Palavras-chave: Imprensa; Megaeventos; Representação; Brasil.

Apupos and brasilidade: The representation by the press of the opening and closing ceremonies of the Sports Mega events in Brazil

The symbolic production of imagery through the speeches of the press contributes in some way, in the construction of reality. To portray the opening and closing ceremonies of the Sporting mega events in Brazil, the newspaper Folha de S. Paulo adopted narrative patterns focused on political issues involving criticism of Presidents, the demonstrations against the achievement of the tournaments and the representation of traits assigned historically to the country.

Key-words: Press; Mega events; Representation; Brazil.

Abuceos y brasilidad: la representación por la prensa de las ceremonias de apertura y clausura de los Megaeventos Deportivos en Brasil

La producción simbólica del imaginario a través de los discursos de la prensa contribuye de alguna manera, en la construcción de la realidad. Para retratar las ceremonias de apertura y cierre de los megaeventos deportivos en Brasil, el diario Folha de S. Paulo adoptado patrones narrativos se centró en cuestiones políticas que implica la crítica de los presidentes, las manifestaciones contra la logro de los torneos y la representación de rasgos asignados históricamente al país.

Palabras-clave: Prensa; Mega eventos; Representación; Brasil.

Os Megaeventos Esportivos e a “era Brasil”

Ao longo dos anos 2000, o Brasil se candidatou a ser sede de diversos Megaeventos Esportivos, vendo nos torneios uma forma de dar visibilidade às conquistas sociais do Governo, além de fortalecer a imagem brasileira fora do país, fomentando áreas da economia como o Turismo, por exemplo. Entendemos essas competições a partir do pensamento de Roche (2000) que afirma que “Megaeventos são eventos de larga escala cultural (incluindo comerciais e esportivos) que tem uma característica dramática, apelo popular massivo e significância internacional” (Roche, 2000, p.1 – tradução nossa)¹.

Historicamente, o mercado, as instâncias governamentais e a própria mídia se aproveitam das competições em escala global para estimular o pensamento de união e superioridade da nação através do esporte, exacerbando, assim, o sentimento de identificação com o país. As apresentações realizadas nas cerimônias de abertura e encerramento destes torneios são potencializadoras destas expressões. Entre os anos de 2007 e 2016, o Brasil recebeu sete torneios esportivos internacionais, que se enquadram no conceito de Megaevento². De acordo com Damo e Oliven (2014, p.14), “o acoplamento do prefixo *mega* sugere, portanto, algo amplo, podendo essa amplitude ser avaliada pela reverberação gerada em termos de duração, de amplitude espacial, do impacto, da diversidade e assim por diante”. Um acontecimento que trabalharia com questões sociais, culturais e estruturais das cidades-sede e teria ampla cobertura dos meios de comunicação.

Os autores Freitas, Lins e Santos trabalham uma categorização, onde “a visibilidade midiática e o impacto econômico são as características comuns entre os diversos tipos de eventos que entendemos por mega, sinalizando para a proximidade contemporânea entre comunicação e capital financeiro” (Freitas; Lins; Santos, 2014, p.8). Os Megaeventos Esportivos deixariam um legado que seria compartilhado entre a divulgação da imagem do país/cidade, questões econômicas, além de construções e modificações no espaço urbano, afetando milhões de pessoas.

Os Megaeventos seriam, então, fenômenos sociais multi-dimensionais que “representaram e continuam a representar ocasiões-chave nas quais as nações poderiam construir e apresentar imagens de si mesmas para o reconhecimento em relação a outras nações e ‘aos olhos do mundo’” (Roche, 2000, p.6 – tradução nossa)³. Assim, são oportunidades de valorização e divulgação de traços característicos atribuídos aos países sede, como forma de afirmação de identidades e estereótipos, mas também como chance de consumo e visão econômica por despertar o interesse do estrangeiro em uma cultura de alteridade.

Os torneios, permeados por uma sociedade espetacularizada, são requisitados pela indústria do entretenimento e os órgãos responsáveis pela sua reali-

1. Texto original:

“Mega-events’ are large-scale cultural (including commercial and sporting) events which have a dramatic character, mass popular appeal and international significance”

2. Neste período

tivemos a realização dos Jogos Pan-americanos do Rio, em 2007; Os Jogos Militares do Rio, 2011; A Copa das Confederações Fifa, em 2013; A Copa do Mundo Fifa 2014; Os Jogos Mundiais Indígenas 2015, em Palmas-TO; Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio, em 2016.

3. Texto original:

“They represented and continue to represent key occasions in which nations could construct and present images of themselves for recognition in relation to other nations and ‘in the eyes of the world’”

zação (como a FIFA e o Comitê Olímpico Internacional, COI, entre outros) precisam de uma infraestrutura própria para realizar os torneios, sendo necessário fechar acordos com o poder público dos países sede e a iniciativa privada. No Brasil, a realização dos Megaeventos Esportivos foi cercada por questionamentos, motivados por suspeitas de desvios de verbas públicas nas obras e reformas envolvendo os palcos das competições, o que ocasionou manifestações de parte da população contrária à realização dos torneios e críticas aos governantes. Esses fatos estiveram presentes na cobertura jornalística de periódicos brasileiros sobre os torneios sediados no país.

Megaeventos pela imprensa: percepções da realidade, discurso e imaginário

A construção do que entendemos como a realidade contemporânea é, em grande parte, influenciada pelos meios de comunicação. Eles são, hoje em dia, para além de meros instrumentos, um próprio ambiente de ação. É na arena da mídia, com seus discursos construtivos de significados, que as discussões sobre os mais variados temas acontecem. Entendemos, contudo, que a realidade veiculada pelos meios não é capaz de representar o real na sua plenitude, já que um mesmo objeto poderia ser visto por diversos pontos de vista, podendo-se apresentar variados ângulos sobre ele. Essas escolhas sobre o que será ou não informado, geralmente, baseiam-se em critérios de noticiabilidade e valores-notícia. Esses critérios variam de acordo com os meios e as empresas de comunicação. Geralmente essa seleção é um processo complexo realizado durante todo o ciclo de produção da notícia e, segundo Wolf (1985, p. 216), “realizado a instâncias diferentes – desde as fontes até o simples redator”.

A cultura jornalística seria outro fator que intervém ao longo de toda essa cadeia seletiva na construção de uma notícia. Para Traquina (2005, p. 77), a profissionalização da atividade jornalística conduziu à formação de uma comunidade guiada por valores e interesses próprios e composta por elementos culturais que fornecem um modo específico de ser/estar, agir, falar e, principalmente, de ver o mundo.

Ao reorganizar as representações de uma sociedade, a mídia torna-se agente influenciador importante na percepção que o indivíduo tem sobre determinado tema e contexto histórico. Os jornais impressos (objeto do presente estudo), apesar de hoje não serem os veículos de maior alcance, ainda exercem papel relevante na formação da agenda de discussões da sociedade. “Assim, o público – a sociedade – é cotidiana e sistematicamente colocado diante de uma realidade artificialmente criada pela imprensa e que se contradiz, se contrapõe e frequentemente se superpõe e domina a realidade real que ele vive e conhece” (Abramo, 2003, p. 24).

Ao representar sob o seu olhar, as festas de abertura e encerramento dos Megaeventos Esportivos sediados no Brasil, os jornais impressos, por exemplo, configuram um padrão que, de certa maneira, influencia na percepção que os leitores têm sobre o fato retratado, produzindo sentidos sobre eles. A partir deste pressuposto de que, na atualidade, os meios de comunicação são os principais difusores de representações sobre o mundo social, é forçoso concluir que, em alguma medida, os discursos por eles adotados afetam as práticas sociais de grupos e indivíduos. São, portanto, espaço relevante para a oferta de algumas (dentre muitas possíveis) das visões de mundo e dos valores culturais de que se nutrem numerosos segmentos sociais.

Um discurso não é apenas de transmissão de informação, mas, sim, de um complexo processo de constituição de sujeitos e produção de sentidos. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade entre outros (Brinati, 2016, p. 61).

Entende-se, assim, o discurso como construtor de sentidos – com as suas representações simbólicas – de imaginários sociodiscursivos. Esses imaginários, conforme Charaudeau (2008, p. 207), circulam em um espaço de interdiscursividade e são testemunhos das identidades coletivas, da percepção que os indivíduos e os grupos têm dos acontecimentos e dos julgamentos que fazem de suas atividades sociais, trazendo visões de mundo sobre um assunto específico.

Desta forma, as escolhas discursivas de um determinado meio de comunicação sobre um objeto / fato e sua respectiva representação contribuem para a construção de um imaginário sobre aquilo que é retratado. Ao analisar essas construções de imaginários pelos discursos da imprensa sobre os Megaeventos sediados no Brasil, pretendemos entender pela cobertura jornalística das festas de abertura e encerramento, se temos uma padronização no formato de cobertura sobre a cerimônia, com principais temas abordados e representação de características já cristalizadas de brasilidade.

Os Megaeventos Esportivos no Brasil pelas páginas da Folha de S.Paulo

Busca-se nesta análise pesquisar como, em sete Megaeventos Esportivos disputados no Brasil, foram utilizados elementos de padronização no relato das festas pelo periódico, na produção de sentidos e realidades em ambientes comunicacionais constituídos. Este estudo levará em conta os textos publicados na Folha de S. Paulo, nos dias seguintes às cerimônias de abertura e de encerramento dos Megaeventos Esportivos realizados no Brasil entre os anos de 2007 e 2016. O periódico foi escolhido pelo lugar insti-

tucional onde se encontra e por ser um dos principais jornais impressos de maior circulação no Brasil⁴.

Os primeiros Megaeventos no Rio: Pan-Americano 2007 e Jogos Militares 2011

Dentro do período analisado, o primeiro Megaevento sediado no Brasil foi o Pan-americano do Rio, em 2007. O torneio foi disputado entre os dias 13 e 29 de julho. Na cobertura da festa de abertura, realizada no Estádio do Maracanã, a Folha de S.Paulo trabalha duas construções sobre a cerimônia: a de destacar as críticas políticas ao presidente do país e de enaltecer características e estereótipos vinculados ao brasileiro. A escolha ao abordar os apupos recebidos pelo político é evidenciada já na capa do periódico com a manchete principal: “Lula é vaiado 6 vezes na abertura oficial dos Jogos” (Folha de S. Paulo, 14/07/2007, capa); assim como no caderno especial sobre o Pan, onde a reportagem descreve cada vaia recebida pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), sob o título de: “Lula vai ao Pan... Pan vaia Lula - Na cerimônia de abertura, no Maracanã, por seis vezes público apupa o presidente da República, que não faz a declaração inaugural dos Jogos” (Folha de S. Paulo, 14/07/2007, p. D1).

As manifestações contrárias à realização da competição no país foram destaque em uma reportagem, ao dizer que “Os anti-Pan eram uma minoria, mas circundavam o Maracanã desfraldando suas bandeiras. O entorno do estádio tornou-se um palco de diferentes manifestações dos que se consideram ‘excluídos’ do Pan” (Folha de S. Paulo, 14/07/2007, p. D3).

Na cobertura sobre a abertura do Megaevento, também podemos notar a construção discursiva de enaltecer características do estereótipo brasileiro e que foram abordadas na solenidade. Expressões como “abertura carnavalizada”, “apoteose”, “carnavalesca” remetem à marcante festa do país. Lugares representativos da cidade sede também foram destacados no texto: “um balé com bandeiras azuis imitava o mar de Copacabana” (Folha de S. Paulo, 14/07/2007, p. D3).

Em um texto opinativo sobre a festa, “Com tudo para dar errado, deu certo”, assinado por Luiz Fernando Vianna, temos a análise de que a cerimônia superou as expectativas e trouxe elementos nacionais:

Bailarinos de azul e branco, com roupas leves, para representar “a energia das águas” criaram outro momento em que beleza e leveza rimaram, assim como a referência às crianças no setor “energia do homem”, com Adriana Calcanhotto cantando sentada numa cadeira gigante. Mesmo o bloco “Energia do Sol”, no qual despontaram os clichês quase inevitáveis da “fauna e flora brasileira” (pássaros, borboletas e o tal jacaré gigante), não chegou a agredir os olhos (Folha de S. Paulo, 14/07/2007, p. D3).

4. De acordo com o ranking do IVC-Instituto Verificador de Circulação, a Folha de S.Paulo, líder entre os jornais do país, teve circulação média de 285.334 exemplares (entre impressos e digitais) em dezembro de 2017. Informações acessadas em <http://www.ivcbrasil.org.br>, no dia 13/04/2018.

Já a cobertura da festa de encerramento do Pan 2007 deu ênfase às críticas aos governantes como na matéria: “Mais uma vez, Maracanã destina vaias a políticos” (Folha de S. Paulo, 30/07/2007, p. D6). Registrando a ausência do presidente Lula no estádio em duas reportagens, o jornal acrescenta que ele fora vaiado nas vezes que teve seu nome citado e analisa a cerimônia anterior: “Na abertura dos Jogos, Lula recebeu no Maracanã talvez a sua maior vaia desde que assumiu o governo em 2003” (Folha de S. Paulo, 30/07/2007, p. D6).

Sobre a solenidade em si, notamos críticas no texto:

A cerimônia de encerramento não foi tão bonita e empolgante como a de abertura. Enquanto Fernanda Abreu cantava sucessos do funk, atletas e o público começaram a sair antes do fim do evento. Se na primeira festa o estádio estava lotado, ontem havia vários clarões nas arquibancadas (Folha de S. Paulo, 30/07/2007, p. D6).

Em 2011, a mesma cidade do Rio de Janeiro, foi palco dos Jogos Mundiais Militares. Contudo, nos dias seguintes à abertura e ao encerramento encontramos apenas um registro no periódico, ao fim do torneio: “Atletas de farda’ fazem Brasil vencer competição. Dos 45 ouros, 40 são obtidos por recrutados” (Folha de S. Paulo, 25/07/2011, p. D7), sem localizarmos características de brasilidade e/ou críticas a governantes ou ao torneio no relato.

Os eventos Fifa: Copa das Confederações 2013 e Copa do Mundo 2014

Após ser escolhido, em 2007, sede da Copa do Mundo de 2014, o Brasil se preparou para receber dois eventos organizados pela Federação Internacional de Futebol, a Fifa. Após uma série de negociações para a escolha das cidades que sediariam os jogos, questionamentos sobre valores de dinheiro público a serem gastos ao receber o torneio, o país sediou, em 2013, a Copa das Confederações, evento teste para o Mundial do ano seguinte.

A construção discursiva da reportagem sobre a festividade de abertura, no Estádio Nacional Mané Garrincha, em Brasília, foi próxima da apresentada nos Megaeventos sediados anteriormente no Rio de Janeiro. Dando destaque para as vaias à então presidente Dilma Rousseff (do Partido dos Trabalhadores e que sucedeu Lula em 2011). Aqui, já notamos mais a presença da cobertura das manifestações nas ruas contrárias à diversas questões políticas, entre elas os gastos públicos para a Copa. Podemos atestar essas duas análises em trechos como este retirado da capa da Folha de S. Paulo: “Estreia do Brasil tem vaia a Dilma, feridos e presos - Presidente é hostilizada três vezes; em protesto antes do jogo, 30 pessoas são detidas” (Folha de S. Paulo, 16/06/2013, capa).

A presença de atos pelas ruas teria afetado a popularidade da presidente, de acordo com o jornal: “Presidente ouve apupos na semana em que viu sua popularidade cair” (Folha de S. Paulo, 16/06/2013, p. D3).

As manifestações também passam a ter mais relevância dentro do periódico como, por exemplo, a reportagem “Imagina na Copa... - Polícia reprime com **violência** protestos, e organização aumenta volume de música no estádio para **disfarçar** barulho de bombas” (Folha de S. Paulo, 16/06/2013, p. D5, grifos no original). Os grifos mostram como a festa serviria para escamotear a situação crítica do lado de fora do estádio e completa indicando as características dos envolvidos: “A manifestação tinha como objetivo criticar as obras da Copa e apoiar o movimento do passe livre em São Paulo. Mas se juntaram a eles punks, indígenas, professores e sem-teto” (Folha de S. Paulo, 16/06/2013, p. D5).

Na edição do dia 16 de junho de 2013 não encontramos reportagens sobre a festa de abertura que ressaltasse elementos da cultura nacional ou estereótipos brasileiros.

A tônica da cobertura da cerimônia de encerramento foi no mesmo sentido, ao destacar as manifestações em relação aos demais temas. Uma das manchetes de capa do dia 01 de julho de 2013 é “Cerimônia de encerramento tem protesto no gramado”, onde também destacamos o trecho:

Dançarinos voluntários que participavam da festa de encerramento da Copa das Confederações foram expulsos pela organização do evento após abrirem, no gramado, faixas de protesto contra a privatização do Maracanã e a homofobia. Nos arredores do estádio, a Polícia Militar e cerca de 1.200 manifestantes entraram em confronto. Um policial teve a farda queimada (Folha de S. Paulo, 01/07/2013, capa).

Apesar das manifestações com faixas dizendo que não haveria Copa, o Mundial foi disputado quase um ano depois, entre os dias 12 de junho e 13 de julho de 2014. A cerimônia de abertura precedeu a partida de estreia da Seleção Brasileira de futebol diante da Croácia, na Arena Corinthians, em Itaquera, São Paulo. Verificamos na cobertura da Folha de S. Paulo, escolhas textuais que ressaltassem as vaias à presidente Dilma e o registro das manifestações contrárias à Copa:

A presidente Dilma Rousseff, que não discursou, foi hostilizada por torcedores ao menos quatro vezes – com vaias e xingamentos, também dirigidos a autoridades da Fifa. Houve protestos isolados pelo país. Antes do jogo, grupo enfrentou a polícia em São Paulo. Mascarados foram vaiados em pelo menos quatro cidades (Folha de S. Paulo, 13/06/2014, capa).

No caderno especial sobre a Copa, há uma reportagem que revela os apupos recebidos pela presidente e descreve os xingamentos recebidos por ela, como

em: “os torcedores xingaram a presidente. ‘Ei, Dilma, vai tomar no c...’, gritaram, em coro” (Folha de S. Paulo, 13/06/2014, p. A4). O periódico relembra o episódio similar no qual o ex-presidente Lula fora vaiado em 2007 na abertura do Pan e relata que, desta vez, ele preferiu ver o “jogo em casa”, sem ir ao estádio.

Ao contrário das cerimônias de 2013, na Copa o jornal aborda em sua cobertura da festa de abertura relações entre os traços característicos do país e a apresentação. Na reportagem “Festa modesta - Cerimônia de abertura tropeça em **miscelânea** que não reproduz em nada o ‘mix’ Brasil” (Folha de S. Paulo, 13/06/2014, p. D10, grifos no original), vemos críticas à representação do país na cerimônia, como nos trechos:

Num país de riqueza natural tão vasta como o Brasil, a belga Daphné Cornez, diretora artística do show de abertura, fez uma aposta míope: limitou-se a colocar umas florzinhas rodopiantes, opacas e murchas no meio de baianas e jogadores mirins. [...] A miscelânea que ali se via era muito infiel à nossa mestiçagem (Folha de S. Paulo, 13/06/2014, p. D10).

Segundo o jornal, em texto opinativo assinado por Silas Martí, a abertura foi definida como um “Desfile mal ajambrado de estereótipos nacionais tem ares de 25 de Março” (Folha de S. Paulo, 13/06/2014, p. D10), onde “Numa apresentação insossa, que privilegiou indícios da cultura nacional em vez da própria cultura, prevaleceu a sensação de obra inacabada, como o tal legado da Copa” (Folha de S. Paulo, 13/06/2014, p. D10).

Em alguns textos, identificamos críticas a ausência de mais elementos do país, como no hino da Copa “We are one (Ole Ola): “não tem a mínima conexão com música brasileira. Um pouquinho de samba de gringo na mistura sonora e alguns versos em português cantados por Claudia Leite? É muito pouco” (Folha de S. Paulo, 13/06/2014, p. D11).

Na cerimônia de encerramento do Mundial, desta vez realizada no Maracanã, no Rio de Janeiro, as críticas em relação à solenidade continuam, como na reportagem “Show apático e sem clímax teve clima de ensaio”:

após as críticas à festa de abertura da Copa do Mundo, preferiu-se um show de encerramento mais curto e sem brilho. A seção sambista, com a Acadêmicos da Grande Rio, foi apenas correta. [...] Sem clímax, com canções velhas ou temas compostos para a Copa que já não tinham emplacado, o espetáculo ficou devendo (Folha de S. Paulo, 14/07/2014, p. D10).

Outra narrativa recorrente é sobre as vaias à presidente Dilma Rousseff. No texto “Na entrega da taça, Dilma volta a ser vaiada e xingada”, o jornal chega a medir os decibéis vindos do público: “Dilma foi vaiada por três vezes durante a entrega do troféu e das premiações aos melhores

da Copa – os gritos ficaram entre 98 e 102,6 decibéis” (Folha de S. Paulo, 14/07/2014, p. D7).

Jogos Mundiais Indígenas Palmas 2015

Entre os principais Megaeventos Esportivos deste período analisado, a Copa de 2014 e as Olimpíadas do Rio-2016, tivemos a realização dos Jogos Mundiais Indígenas na cidade de Palmas, capital do Tocantins, em 2015. A cobertura da Folha de S. Paulo na cerimônia de abertura foi voltada para a apresentação às críticas direcionadas à presidente Dilma, como em “Presidente é vaiada em evento indígena”:

As vaias surgiram com a chegada da presidente à arena da abertura. Em seguida, outro grupo puxou o coro de “Olê olê olê olá, Dilma, Dilma”, mas foi suplantado por nova onda de vaias. Antes, houve vaias do público em resposta a gritos de “Dilma! Dilma” por parte da plateia (Folha de S. Paulo, 24/10/2015, p. A5).

A solenidade também foi marcada por manifestações políticas, registradas pelo periódico: “Nas arquibancadas havia faixas pedindo a demarcação de terras indígenas e manifestos contrários à PEC 215, que transfere para o Congresso a atribuição de oficializar a demarcação dessas áreas” (Folha de S. Paulo, 24/10/2015, p. A5).

A cobertura do encerramento dos Jogos se resumiu a uma nota, com o título e subtítulo: “Jogos Indígenas acabam com mais de 100 mil visitantes- Com cerca de 1.000 índios do Brasil e mais 700 de outros 22 países, terminaram neste final de semana os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, em Palmas (TO)” (Folha de S. Paulo, 02/11/2015, p. B4), na qual não foi identificada nenhuma referência à características nacionais na festa, críticas à políticos ou manifestações.

Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio-2016

O ano de 2016 marcaria o fim do ciclo que começara em 2007, com os Jogos Olímpicos de Verão e os Jogos Paralímpicos do Rio 2016.

As Olimpíadas começaram no dia 05 de agosto com uma festa de abertura no Estádio do Maracanã que teve ampla cobertura na Folha de S. Paulo do dia seguinte. Novamente encontramos nas reportagens analisadas, dois temas principais: as vaias ao presidente Michel Temer, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (até então interino, antes de consolidar, naquele mesmo ano, um golpe parlamentar que o levaria à presidência) e destaque a traços de brasilidade na cerimônia, como no trecho retirado da capa do jornal, sob o título “Rio inaugura Olimpíada com festa grandiosa e vaias a Temer”:

O desfile foi dominado por temas como aquecimento global, crise de refugiados e respeito à diversidade. Entre as referências locais estavam miscigenação, favelas, bossa nova e uma réplica do 14 Bis. [...] Sob temor de protestos, a organização da Rio-2016 montou operação para abafar as críticas a Michel Temer. A presença dele não foi anunciada e a imagem tampouco foi exibida nos telões. Ainda assim, a vaia de oito segundos atingiu 105 decibéis, equivalente ao barulho de uma britadeira, segundo a medição feita pela Folha. Parte do público também gritou “fora, Temer” (Folha de S. Paulo, 06/08/16, capa).

São identificados outros dois trechos em que a vaia ao presidente é mencionada com duas construções distintas. A primeira delas, é a de deslegitimar o fato dele estar no cargo, como no texto opinativo assinado por Juca Kfourri: “Ora o ‘Fora Temer’ e as vaias destinadas a ele estavam no programa e pelo menos não o mandaram tomar naquela parte como fizeram, em Itaquera, com quem ocupava legitimamente a presidência e seria reeleita” (Folha de S. Paulo, 06/08/16, p. B3). A outra, compara a vaia recebida por Temer pela então presidente Dilma em 2013, amenizando a crítica ao então ocupante do cargo:

Os apupos vieram durante a fala e duraram cerca de oito segundos. A agressividade, porém, foi bem distinta da vista contra a presidente afastada Dilma Rousseff na abertura da Copa das Confederações de 2013. Além das vaias, ela foi xingada. Houve duas tentativas isoladas de coro “Fora, Temer” em outros momentos da cerimônia, mas sem empolgação (Folha de S. Paulo, 06/08/16, p. B4).

Contudo, as manifestações contrárias a Temer e aos Jogos são abordadas também, como na matéria “Rio e SP têm atos contra presidente interino e Jogos” (Folha de S. Paulo, 06/08/16, p. B4).

A festa de abertura dos Jogos do Rio-2016 foi o momento dentro deste recorte de análise em que mais encontramos, entre os textos da Folha de S. Paulo, elementos de “brasilidade” na representação das cerimônias. Como podemos notar nos trechos retirados de “Festa carioca”:

Depois de sete anos e uma conta de quase R\$ 40 bilhões que não para de crescer, o Rio de Janeiro fez a abertura mais carioca possível da história dos Jogos Olímpicos. Enfileirou música, floresta, índios, Santos Dumont, Gisele Bundchen, Anitta, Tom, Caetano, Gil, favelas, causas sociais e, claro, vaias (Folha de S. Paulo, 06/08/16, p. B1).

Em análise da festa, no texto “Refugiados e ambientalismo são temas da abertura” temos a reportagem que mais destaca as características nacionais, entre todas as estudadas:

Da formação do mundo à floresta, a história do Brasil foi contada de maneira rápida no Maracanã, com referência aos índios, aos escravos, aos imigrantes, à população das grandes cidades e das favelas de hoje. [...] Para vender o país, a festa abusou de ícones nacionais. O hino nacional foi cantado por Paulinho da Viola. Em um trecho, “Garota de Ipanema” tocou para a entrada de Gisele Bundchen, desfilando sobre desenhos do arquiteto Oscar Niemeyer, depois de o 14 Bis, de Santos Dumont, voar no Maracanã. Quando Gisele chegou na frente de uma favela estilizada, começou o funk “Eu Só Quero É Ser Feliz”, com Ludmilla. Em ensaio, houve polêmica sobre suposto assalto à modelo que teria sido tirado da festa. Elza Soares, Zeca Pagodinho e Marcelo D2 também cantaram. Carol Konka e Mc Sofia enalteciam o orgulho dos negros, e uma grande mão fechada, símbolo do movimento, foi colocada na favela (Folha de S. Paulo, 06/08/16, p. B2).

Como escreve Juca Kfoury, em seu texto opinativo: “Da Amazônia à favela, o Brasil estava ali, com Gil e Caetano, um país, outra vez, em busca de sua identidade” (Folha de S. Paulo, 06/08/16, p. B3).

Contudo, encontramos textos com análises críticas em relação à cerimônia, questionando a ausência de retratos históricos do país, como o artigo de Nelson de Sá: “Apesar da aparência politizada, a história do Brasil recontada pela cerimônia evitou os conflitos maiores, do morticínio dos índios aos horrores da escravidão, priorizando ecologia e congraçamento racial” (Folha de S. Paulo, 06/08/16, p. B6); e o de Silas Martí:

Toda a violência da construção do Brasil, de fato, foi apaziguada por nosso modernismo utópico, amnésico e fantasioso, como se a beleza nascesse das trevas [...] Nem as baterias do samba no final serviram de lampejo de esperança para aplacar a tristeza de encerrar essa Olimpíada que arranca em clima sombrio (Folha de S. Paulo, 06/08/16, p. B6).

A cerimônia que encerrou os Jogos de 2016 foi realizada novamente no Maracanã, no dia 21 de agosto e, conforme escreve Nelson de Sá, “O pouco de crítica social que a cerimônia de abertura havia se permitido desapareceu por completo, no encerramento” (Folha de S. Paulo, 22/08/16, p. B3). Na cobertura do periódico, porém, também encontramos elogios e a representação de traços da cultura nacional:

Sob chuva e vento, festa no Maracanã celebra a saudade com Carnaval [...] Atletas transformaram o campo num enorme Sambódromo, tirando foto com passistas. [...] Uma arqueóloga entrou no gramado sob projeção de pinturas rupestres. Atores fizeram um mosaico representando traçados indígenas (Folha de S. Paulo, 22/08/16, p. B2).

Com o fim dos Jogos Olímpicos, a cidade do Rio de Janeiro se preparou para receber, em menos de um mês após e na mesma estrutura, o último Megaevento Esportivo deste recorte de análise: os Jogos Paralímpicos.

A festa de abertura fora retratada pela Folha de S. Paulo como “épica”, ao abordar o respeito à diversidade, com destaque para as dificuldades que enfrentam as pessoas com deficiência.

No texto, temos referências aos apupos recebidos pelo presidente Temer, mas sem muito destaque, “Durante o espetáculo, [...] breves enfrentamentos de ideologias políticas (especialmente as vaias a Temer) deram tônica de leveza à cerimônia de abertura” (Folha de S. Paulo, 08/09/16, p. B10). Assim como a representação de símbolos nacionais, em uma cerimônia simples:

Embora tenha reservado momentos de muita emoção ao público, como quando centenas de guarda-sóis formaram a bandeira do Brasil no centro do estádio do Maracanã ou quando crianças com deficiência seguraram a bandeira paraolímpica, era nítida a simplicidade das exposições e de seus defeitos (Folha de S. Paulo, 08/09/16, p. B10).

Já a festa de encerramento, que aconteceu no mesmo local da de abertura, no dia 18 de setembro, mereceu pouco – ou quase nenhum – destaque no jornal. Localizamos apenas uma legenda de foto na capa com os dizeres: “Atletas dançam ao som de Ivete Sangalo no encerramento da Paraolimpíada” (Folha de S. Paulo, 19/09/16, capa).

Em outro trecho, na página 1 do caderno especial sobre Paralimpíada, há menção às vaias recebidas pelo presidente Temer na abertura do evento: “O que começou no Maracanã com uma cerimônia simples, mas apoteótica em emoções – e vaias ao presidente Michel Temer” (Folha de S. Paulo, 19/09/16, Paralimpíadas, p. 1). Assim, não localizamos trechos que julgamos importantes de representação da cerimônia de encerramento do Megaevento.

Conclusões

Entendemos que os Megaeventos Esportivos são importantes meios pelos quais o país sede pode construir e apresentar imagens de si mesmo. Essa representação é reverberada na cobertura da imprensa. Assim, os meios de comunicação, com suas práticas jornalísticas, contribuem para a constituição de ambientes comunicacionais de produção de sentidos, ajudando os indivíduos na construção de suas percepções de realidade.

Ao escolher determinada abordagem na cobertura das cerimônias de abertura e encerramento dos Megaeventos - solenidades em que, comumente, as características do país sede são exacerbadas -, o jornal Folha de S. Paulo optou por

algumas representações que foram comuns ao longo de suas edições no recorte histórico analisado, entre 2007 e 2016.

Cabe ressaltar que os questionamentos em relação aos gastos públicos com os torneios tomaram as ruas em forma de manifestações, um tema recorrente na cobertura do periódico analisado. Mas, em sua maioria, temos dois tipos de narrativas: as escolhas discursivas que dão ênfase às críticas recebidas durante a solenidade pelos presidentes. Importante dizer que no período estudado, os apupos foram direcionados a três presidentes diferentes (Lula, Dilma e Temer); e os textos que ressaltam as características que são, historicamente, atribuídas a elementos da cultura nacional na representação dos espetáculos.

Assim, acreditamos que, mesmo sendo um recorte analítico que apresenta particularidades, é importante entendermos como foram as construções discursivas sobre as cerimônias, nas quais podemos verificar uma representação de festas com críticas políticas e valorização de estereótipos nacionais. Essas narrativas podem, de alguma maneira, influenciar no imaginário que os indivíduos possam ter em relação ao país sede do Megaevento Esportivo.

Referências

- ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1 ed., 2003.
- BRINATI, Francisco Ângelo. **Maracanazo e Mineiraten: Imprensa e Representação da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014..** 1. ed. Curitiba-PR: Prismas, 2016.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2008.
- DAMO, Arlei Sander; OLIVEN, Ruben George. **Megaeventos esportivos no Brasil: um olhar antropológico**. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2014.
- FREITAS, Ricardo; LINS, Flávio; SANTOS, Maria Helena Carmo. Megaeventos: motores de transformação social. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2014, Belém. **Anais do 23º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Belém: UFPA, 2014. v. II. p. 1-17.
- ROCHE, Maurice. **Mega-events and Modernity: Olympics and expos in the growth of global culture**. Londres: Routledge, 2000, p.p. 1-30.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.
- WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Trad.: Maria Jorge Vilar de Figueiredo. 4. ed. Lisboa: Presença, 1985.

Jornais

Folha de S. Paulo. 14 e 30 de julho de 2007.

Folha de S. Paulo. 17 e 25 de julho de 2011.

Folha de S. Paulo. 16 de junho e 01 de julho de 2013.

Folha de S. Paulo. 13 de junho e 14 de julho de 2014.

Folha de S. Paulo. 24 de outubro e 02 de novembro de 2015.

Folha de S. Paulo. 06 e 22 de agosto, 08 e 19 de setembro de 2016.

Sites

IVC Brasil. Disponível em: <http://www.ivcbrasil.org.br> . Acessado em: 13 de abril de 2018.